

A BUSCA DO EL DOURADO.

GABRIEL ROY

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa
Senhora do Patrocínio, Itu (SP).

“Rich Mexico, the seat of Montezume, And Cuzco in Peru, the richer seat Of Atabalipa and yet unspoiled Guiana, whose great City Geryon’s sons Call El Dorado”. (Milton, *Paradise Lost*, XI, 508-512).

O gosto da maravilha e do mistério,

“quase inseparável da literatura de viagens na era dos grandes descobrimentos” (1),

encontrou alimento farto na hinterlândia americana. O ambiente geográfico, uma floresta imensa rasgada por rios numerosos e fantásticos, a predisposição dos europeus a acreditar no prodígio, os relatos fornecidos pelos nativos, tudo concorria para exaltar as imaginações. A repetição dos relatos acompanhados de inevitáveis exageros vinha aguçar os impulsos cobiçosos. A crença se fortalecia e frutificava. As lendas tomavam feições e nomes; cresciam e propagavam-se.

Errado seria, contudo, considerar as lendas como sendo meros produtos de imaginações extravagantes. Poucas são — talvez não haja mesmo exceções — as que não se assentam, dum modo ou de outro, em alguma realidade. Um fato mínimo, uma palavra deturpada bastará para mudar comportamentos humanos e imprimir direção nova a certos acontecimentos. O papel das lendas não deve ser desprezado sem risco para a compreensão do desenrolar histórico. As lendas ex-

(1). — Sérgio Buarque de HOLANDA, *Visão do Paraíso. Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1959, pág. 3.

primem a mentalidade duma época, inspiram sua arte, repercutem em sua literatura e nas mais variadas ciências.

Em solo americano, procuraram-se a *Árvore da Vida*, a *Fonte da Juventude*, a *Cidade Perdida* (2). Na parte setentrional da América do Sul, espanhóis e alemães cansaram-se em numerosas e heróicas expedições em busca das Amazonas e do *El Dorado*. Essas duas lendas apresentam uma mobilidade espantosa, tanto na sua estrutura quanto na sua localização. Símbolos de riquíssimos tesouros, fugiam com a aproximação dos aventureiros que só encontravam vestígios e supostos testemunhas. Associando intimamente o real e o imaginário, provocaram a exploração das bacias do Amazonas, do Orinoco e do Madalena.

Sobre a lenda das Amazonas e sua repercussão na América, remetemos o leitor a um excelente artigo do Professor Eurípedes Simões de Paula (3). Nas linhas seguintes, apresentaremos alguns aspectos da lenda do *El Dorado* e relataremos as expedições empreendidas em sua busca. Sonhos, ambições, rivalidades, fadigas, crueldades, matanças, idealismo, coragem, heroísmo, bravura, perseverança, eis os elementos componentes dessas aventuras. Estaríamos diante dum fenómeno de loucura coletiva? De energias gastas em vão? O ouro é fascinante e o *El Dorado* é um sonho antigo que sempre volta à tona. Dos argonautas do velocino de ouro até os apostadores de loterias, a tônica é constante, se bem que modulada. O clima social e psicológico criado pelas conquistas do Perú e do México favorecia o surgimento dum estilo novo; engendrou um homem dourado e uma cidade dourada. Os que saíram em sua busca não diferem dos antigos e nem dos contemporâneos nossos, senão no estilo. Seriam mais utópicos, mais ingênuos? Seriam vítimas duma miragem maior?

*

O EL DORADO.

Durante quase todo o século XVI — e mesmo depois — acreditou-se na existência, no interior do continente americano, dum lago

(2). — Em sua busca, o Coronel britânico Percy H. Fawcett e dois companheiros embrenharam-se na selva amazônica onde desapareceram, em 20 de maio de 1925, após terem descido o rio Culisevo (afluente do Xingú) e alcançarem o Culueue. Acredita-se que foram trucidados pelos índios. Entre outros escritos sobre o assunto, citamos: Ernesto VINHAES, *Aventuras de um reporter na Amazônia*, Globo, Porto Alegre, 1944; Charles E. KEY, *Grandes Expedições Científicas do Século XX*, Tradução de Gastão Cruis, Nacional, São Paulo, 1959; W. LEY e S. de CAMP, *Da Atlântida ao Eldorado*, Tradução de I. L. Renault, Itatiaia, Belo-Horizonte, 1963, págs. 216-220.

(3). — Eurípedes SIMÕES DE PAULA, *A Lenda das Amazonas e a América*, In *Estudos Históricos*, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, dezembro de 1963, págs. 7-29.

chamado Parima, no centro dum país riquíssimo cujo rei vestia-se de pó de ouro da cabeça aos pés. Era *El Dorado*.

Como surgiu essa lenda? O navegador inglês, Walter Raleigh, atribui as primeiras informações a respeito a um certo Juan Martinez que, perdido na Guiana, teria chegado a Manoa, capital do país do *El Dorado* (4). Outros colocam a origem da lenda num caso relacionado com

“homens de Sebastião Benalcazar, quando este empreendeu em 1533, a conquista de Quito” (5).

Cita-se ainda Pedro de Limpias que, regressando a Coro, em 1540, depois de explorar o interior da Venezuela, teria contado as primeiras histórias do *El Dorado*. De qualquer modo, o aparecimento dessa lenda prende-se a fatos reais. Um deles é que o rei-sacerdote dos chibchas, no planalto da Colômbia, costumava, em certas ocasiões, cobrir-se de pó de ouro e, em seguida, banhar-se no rio próximo. Outro costume dos índios dessa região era a de lançar ao rio estatuetas de ouro em oferendas aos deuses. Um terceiro fato que teria servido para espalhar o mito, é a abundância de pó de malacacheta — também chamado de “areia de ouro” e de “ouro dos macacos” — encontrado nessas regiões onde se supunha existir o *El Dorado*.

A cobiça despertada pelos numerosos relatos referentes a Manoa do *El Dorado* motivou várias expedições. As primeiras aconteceram na Nova Granada: Santa Marta, vale do Cauca e planalto de Bogotá. Seguiram-se outras na Venezuela, na Guiana e no país dos Omáguas (6).

*

O HOMEM DOURADO.

Chamado de “Grande Paititi” (ou “Patiti”), de “Grande Moxo”, de “Grande Paru” ou de “Enim”, o rei dourado desempenhava, de acordo com a lenda, funções administrativas e sacerdotais. Não sobra dúvida, todavia, quanto à existência de um desses reis-sacerdotes; no caso, o chefe dos índios chibchas ou miuscas.

(4). — Walter RALEIGH, *Relation de la Guiane, Du Lac de Parime, et des Provinces d'America, D'Arromaia et d'Amapaia, découvertes par le Chevalier Walter Raleigh*, publicada por François COREAL, *Relation des Voyages*, F. BERNARD, Amsterdã, 1738, tomo II, pág. 1687.

(5). — Sérgio Buarque de HOLANDA, *op. cit.*, pág. 40.

(6). — Médio e baixo Marañon, em terras peruanas.

Quanto à maneira de se cobrir de ouro e à frequência com que se repetia a cerimônia, os relatos divergem. Talvez seja uma única vez por ano, por ocasião duma festa celebrada nas margens dum lago sagrado. Não foi sem surpresa que o explorador Swan constatou a existência dum registro do ritual dessa cerimônia (7). A mesma foi descrita pelo padre J. de Acosta:

“No dia marcado, o chefe untava seu corpo com terebentina e rolava-se então em pó de ouro. Após, dourado e resplandescente, entrava em sua canoa, cercado por seus nobres, enquanto uma multidão imensa de povo, com música e canções, aglomerava-se nas margens do lago. Tendo atingido o centro, o chefe depositava suas oferendas de ouro, esmeraldas e outras coisas preciosas e lançava-se a mergulhar. Nesse instante, as colinas circunvizinhas ecoavam com os aplausos do povo; uma vez concluída a cerimônia religiosa, começavam as danças, as canções e as bebedeiras” (8).

Uma única festa por ano pareceu pouco para os mais entusiastas aventureiros. Era conveniente supor uma repetição mais frequente de semelhante rito. Um dos propagadores mais generosos, o historiógrafo Oviedo y Baños, afirma que a cerimônia da vestidura áurea acontecia diariamente:

“... como essa espécie de traje se tornava incômodo para dormir, o príncipe lavava-se todas as noites e, na manhã seguinte, renovava o brilho, o que prova que o Império do Eldorado é infinitamente rico em minas” (9).

O costume de cobrir-se de ouro não teria sido privilégio exclusivo do chefe. Raleigh, que estivera no Orinoco em 1595, conta que, em certas festas solenes, o rei convidava alguns amigos a debochar-se com êle. Apresentavam-se nus diante do chefe e, após terem sido untados, seus corpos eram inteiramente cobertos de pó de ouro. O nobre inglês não nos diz, porem, se, durante os oitos dias seguidos que passavam a beber com o rei, havia mudança de trajes ou repetição da vestidura áurea (10).

(7). — M. SWAN, *The Marches of El Dorado — British Guiana, Brazil, Venezuela*, London, Jonathan Cape, 1958, pág. 271.

(8). — Pe. J. de ACOSTA, *Descubrimiento de la Nueva Grenada*, citado por SWAN, *op. cit.*, pág. 271.

(9). — Numa carta escrita ao cardeal Pedro Bembo, literato italiano que fora secretário particular do papa Leão X. Esse mesmo Bembo é quem empreendeu com Aldo Manúcio a reforma da ortografia italiana.

(10). — W. RALEIGH, *op. cit.*, pág. 171.

Um rei dourado, um chefe que esbanjava o ouro em festas religiosas e por mero capricho, um povo que oferecia estatuetas de ouro a seus deuses, uma gente assim rica só podia residir numa cidade esplendida. Depois de muito se falar do rei dourado, surgiram descrições de sua capital, Manoa.

*

MANOA, CAPITAL DO EL DORADO.

Quando Francisco Pizarro conquistou o Perú (1531-1534), dois príncipes incas (11) disputavam o poder entre si, Huascar e Atualpa. A astúcia de Pizarro conseguiu eliminar os dois e subjugar seus povos. Entretanto, para evitar reações por parte dos índios quichuas, o conquistador espanhol entregou a coroa do Império ao filho de Atualpa, Toparca. Rei fantoche nas mãos dos vencedores, Toparca foi envenenado tão logo passou a reclamar os poderes que lhe pertenciam por direito.

Sucedeu-lhe Manco Inca, filho de Huascar, o qual conseguiu ludibriar a vigilância dos espanhóis e fugir com milhares de homens e grandes tesouros para uma região quase inacessível dos Andes, Vilcampa (ou Vilcabamba). Aí, estabeleceu uma nova capital, *Machu Pichu* (12). O novo reino resistiu aos ataques espanhóis até 1572, altura em que esses últimos conseguiram atingir o refúgio do inca Tupac Amaru, filho e segundo sucessor de Manco Inca (13). Em vez de fugir e arriscar-se a perecer na floresta amazônica, Tupac Amaru preferiu confiar nas promessas dos espanhóis e entregar-se a eles. A fatalidade quis que o vice-rei do Perú fosse Francisco de Toledo, homem cruel e sanguinário, que mandou decapitar o inca e ordenou que sua cabeça fosse exposta num poste na grande praça de Cusco. Essa foi a sorte do último dos imperadores incas (14).

Embora o relato que acabamos de expor nos pareça o mais fidedigno e se apoie em estudos feitos por eminentes pesquisadores, encontram-se outras versões no tocante à fuga do Inca. Nelas há ele-

(11). — O termo “inca” designava o chefe, o rei. Só por extensão passou a designar os súditos do “inca”, isto é, os índios quichuas.

(12). — Machu Pichu, situada a uns 100 km a noroeste de Cusco, foi descoberta em 1911 pelo americano Hiram BINGHAM, o qual deixou um relato de seus achados intitulado *Lost City of The Incas* — *The Story of Machu Pichu and its Builders*, Atheneum, New York, 1965. Sobre Bingham e Machu Pichu, ver: Noel H. SBARRA, *A Cidade Perdida*, Revista da Universidade Católica de Campinas, nº 25-26, novembro de 1964, págs. 119-123.

(13). — O sucessor imediato foi Titu Cussi, filho de Manco Inca.

(14). — H. BINGHAM, *op. cit.*, págs. 43-78; W. H. PRESCOTT, *History of the Conquest of Peru*, Swan Sonnenschein, London, 1907, págs. 236-317.

mentos que favorecem a lenda do *El Dorado*. Ao fugir, Manco Inca (ou um sucessor dele) teria obtido a adesão dos índios “orejones” e, muito distante de Cusco, na Guiana, teria iniciado um novo império, mais rico, com as mesmas leis, os mesmos costumes e a mesma religião em vigor no Perú antes da conquista espanhola (15). Versão semelhante encontra-se em Swan que não indica em que crônica a achou. Acrescenta, porém, uma nova hipótese em que Manco Inca não teria iniciado e criado um novo reino, mas sim deposto um rei dourado já existente.

No mapa de P. du Val d'Abbeville, publicado juntamente com a relação de Harcourt (16), uma referência a um império inca na Guiana vem reforçar essa hipótese. Contudo, é possível que Swan se tenha baseado direta ou indiretamente em P. du Val d'Abbeville.

Ao chegar à Guiana, o Inca teria mandado construir um palácio semelhante aos que seus ancestrais possuíam outrora no Perú. Ao redor desse edifício, outras construções foram levantadas. Dessa forma teria nascido a cidade de Manoa, à beira do lago de Parima (17). Pela sua função de capital e por conter imensos tesouros, a cidade estava fortemente defendida. Afinal, os cronistas e os conquistadores não podiam esquecer totalmente a lógica.

Por um índio a quem perguntara o caminho para ir até a capital, Raleigh foi informado das dificuldades do empreendimento. Primeiramente, por ser estação de chuva (18), não se podia chegar até a cida-

(15). — W. RALEIGH, *op. ci.*, pág. 164.

(16). — R. HARCOURT, *A Relation of a Voyage to Guiana — 1613*; Hakluyt Society, London, 1928, pág. 140. Nesse mapa de Du Val d'Abbeville, “Geographe du Roy”, e publicado em 1654, lê-se na parte esquerda inferior: “En ces quartiers se sont retirés les successeurs des Incas du Pérou”. Quando o alemão Nicc'au Horsman, que pretendia chegar ao Eldorado, voltou de sua expedição às nascentes do Essequibo (1740), contou que os incas se haviam refugiado naquela região. Ver C. M. de la CONDAMINE, *América Meridional*, Trad. de A. D'Ávila, Cultura, São Paulo, 1944, pág. 78.

(17). — O lago Parima não seria senão o acúmulo das águas ao pé das montanhas, o resultado de inundação anual. Nessas ocasiões, os índios navegavam em suas canoas através das florestas. O caráter desse lago corresponde à significação que os índios achaguas (nômades dos llanos de Casanare e Meta) atribuem à palavra MANOA. Na língua achagua, Manoa significa “não derrama”; é a terceira pessoa do verbo negativo MANOAYUNA, “não derramar”. Esse termo designa todas as lagunas e Manoa vem a ser a “Cidade da Laguna” (Pe. J. GUMILLA, *História Natural, civil y geográfica de la Naciones situada sen las riveras del rio Orinoco*, C. Gilbert y Tutó, Barcelona, 1791, pág. 356).

(18). — Raleigh saiu da Inglaterra a 6 de fevereiro de 1595. Como se demorou na Ilha de Trinidad e também no Orinoco, podemos deduzir que a estação das fortes chuvas já se havia iniciado. Aliás, ele próprio menciona que as águas dos rios haviam subido. W. RALEIGH, *op. cit.*, págs. 153, 158 e 168.

de. Necessitava-se também de um número de homens três vezes superior e fazia-se mister obter a colaboração dos índios vizinhos, tanto para servir como soldados quanto para o abastecimento das tropas. O império era tido por vasto, pois a autoridade do Inca ter-se-ia imposto a muitas tribos das cercanias do Lago Parima. Manoa transformara-se numa metrópole ao redor da qual numerosas cidades vieram a florescer. Tanto prosperaram que

“nunca houve iguais no Perú, nem durante a maior prosperidade dos Incas” (19).

As maiores fantasias que encontramos sobre o império do *El Dorado* são-nos fornecidas por Raleigh. Mas acreditava ele naquilo que escrevia sobre o assunto? Razões havemos para duvidar de sua boa fé. Ainda que dissesse basear suas narrações em relatos fornecidos pelos espanhóis e tentasse apresentar provas, parece duvidar, ele próprio, das informações recebidas ou recear pelo acolhimento que seus compatriotas iriam reservar a tais fanntasias. Caso contrário, qual seria o sentido da observação final em seu relatório: “*se tudo aquilo é verdadeiro . . .*”? Mas como pretendia colonizar a Guiana e necessitava de boa propaganda para conseguir apóio, acrescentava: “. . . *não deve haver nada comparavel a essa monarquia que ainda nos é desconhecida. Mesmo que não ultrapassasse o Perú em riquezas, pergunta ele, não bastaria que fosse igual a esse?*” (20). O próprio carater de Raleigh, lembra Southey, era pouco afeito à credulidade. Homem de vasta cultura e calculador, serviu-se destas fábulas como “chamariz da avidez do vulgo” (21). Conseguiu em parte seu intento. Alguns navegantes ingleses emprenderam expedições em busca do *El Dorado*; mas, em geral, o povo britânico deu pouco crédito às relações do aventureiro.

*

OS SÍTIOS DO EL DOURADO.

Se a riqueza do *El Dorado* despertou a cobiça de muitos, a lenda mereceu as atenções de estudiosos e viajantes. Um deles, e não o menor, o cientista alemão Humboldt (22) procurou localizar o sítio, ou

(19). — *Id. Ibid.*, pág. 165.

(20). — *Id. Ibid.*, pág. 166.

(21). — R. SOUTHEY, *História do Brasil*, Tradução de L. J. de Oliveira e anotações do Cón. J. C. F. Pinheiro, Garnier, Rio de Janeiro, 1862, tomo II, pág. 35.

(22). — A. von HUMBOLDT, *Travels to the Equinoctial Regions of America during the Years 1799-1804*, Tradução de T. Ross, G. Routledge & Sons, London, vol. III, págs. 26-28.

melhor, os vários sítios do *El Dorado*. Estudou os autores espanhóis, arranjou os numerosos mapas em ordem cronológica e chegou à conclusão que

“toda a região compreendida entre o rio Amazonas e o rio Orinoco era vagamente conhecida pelo nome de *Provincia Del Dorado*”.

Mas a lenda caminhou e vários outros sítios foram apontados, segundo o próprio Humboldt reconheceu (23).

O nome de *El Dorado* teria surgido inicialmente na costa de Cartagena e de Santa Marta (24). De lá, passou sucessivamente para Velez, o vale do Sogamoso e chegou à capital dos chibchas, Guatavita, perto da atual Bogotá. Humboldt afirma ser Guatavita o lugar primitivo do rei dourado e diz ter visto aí restos de uma escadaria talhada na rocha que forma as bordas do lago e que havia sinais de ter sido usada no ritual da ablução (25). Swan afirma que a cerimônia se realizava 40 anos antes da conquista espanhola. Tentativas foram feitas para a drenagem desse lago e as operações de mergulho recuperaram do lodo numerosos ornatos de ouro.

Os mapas de P. du Val d'Abbeville, de Coreal, de Gumilla, de Stedman e os da coleção Mercator que Rio Branco incorporou a sua primeira memória apresentada ao Governo da Confederação Suíça, indicam claramente o lago de Parima e a cidade de Manoa em terras guianenses. Outros mapas, embora deixassem de registrar os nomes, fazem figurar o lago; pois, durante muito tempo, acreditou-se que numerosos rios tinham nele suas nascentes. Ora era o nascedouro dos rios Orinoco, Branco e Essequibo, como lembra Humboldt; ora do Aprouage (Aperuague), como se vê nos mapas do padre Fritz (26) ou ainda, no início do século XVI, com João Afonso (27), o Brasil era considerado como sendo uma grande ilha cercada pelos rios Amazonas e Prata, os quais tinham suas nascentes no lago Parima.

(23). — *Idem, ibidem*, pág. 29.

(24). — J. L. de AZEVEDO, *Os Jesuits no Grão-Prá, suas Missões e a colonização*, Tavares Cardoso, Lisboa, 1901, pág. 125.

(25). — Citado por SWAN, *op. cit.*, pág. 271.

(26). — Em apêndice à Primeira Memória de Rio Branco. Os jesuitas Samuel Fritz e João Batista Sana estabeleceram missões no Solimões antes de 1709, pois nessa data, foram conquistadas e destruídas pelos portugueses. A. C. FERREIRA REIS, *Limites e Demarcações na Amazônia Brasileira*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1947, tomo I, pág. 264.

(27). — Figura discutida. Há quem o declara originário da Galícia, talvez de Santona; outros o dizem francês: “Jan Alfonse Xaintongeois, né au pays de Xaintonge, près de la ville de Cognac” escreve o padre Charlevois em

A lenda não podia ter nascido do nada e não se podia alimentar com simples relatórios. Havia ouro. As narrações dos aventureiros faziam-se acompanhar de provas, de objetos fabricados com o precioso metal. Quando Raleigh escrevia que os espanhóis lhe disseram haver ouro nos rios da ilha de Trinidad, comentava ser pouca coisa em comparação da abundância existente no continente. Aí estava o armazem das riquezas e

“aquele que empreender a conquista da Guiana possuirá mais ouro e reinará sobre mais povos que o rei de Espanha e o imperador dos turcos” (28).

Todos os índios de Trinidad, de Paria e da Venezuela, enfim todos os habitantes dessas regiões, continua Raleigh, possuem ouro cuja fonte está na Guiana. Se aqueles que traficam ouro no Amazonas voltam sempre com muito ouro, deve-se apenas ao fato de os índios desse rio o conseguirem no interior das terras que se situam acima (29). Aí, no interior, continua o antigo favorito de Isabel, a ourivesaria é incomparavelmente mais aperfeiçoada, faz-se de ouro toda espécie de figuras de homens, de animais, de aves, de peixes, etc. (30). As chapas de ouro a que se refere Raleigh em outra passagem, encontravam-se ainda um século mais tarde e o padre Fritz foi presenteado com algumas delas por ocasião de suas missões na Amazônia (31).

Entre os que foram aos locais onde havia ouro muitos nos são conhecidos. Alguns deles encontraram um pouco do precioso metal; nada, porém, que se possa comparar aos inexgotáveis tesouros soñados.

sua “*Histoire et description de la Nouvelle France*”, tomo I, pág. 21, citado por P. GAFFAREL, *Histoire du Brésil Français au seizième siècle*, Maisonneuve, Paris, 1878, pág. 126.

Após pesquisa realizada em torno à figura do nauta, Jaime Cortesão concluiu por sua nacionalidade portuguesa. Entre vários estudos, há o de João Lúcio de Azevedo sobre a nacionalidade e as viagens de João Afonso ao litoral paraense. Ver “*Estudos de História Paraense*”, Pará, 1898.

“João Afonso a serviço dos mercadores de Dieppe teria visitado a embocadura do Amazonas, que descreveu com pormenores hoje atribuídos mais a leituras de cronistas anteriores que propriamente a um contato direto com a região”. A. C. FERREIRA REIS, *op. cit.*, tomo I, pág. 31.

(28). — W. RALEIGH, *op. cit.*, págs. 156 e 163.

(29). — *Idem, ibidem*, pág. 177.

(30). — *Idem, ibidem*, pág. 231. Essas figuras de ouro são mencionadas por vários autores. Eram conhecidas pelo nome de “guanines”. Vide E. A. FARIAS, *Economia Colonial de Venezuela*, Fondo de Cultura Economica, México, 1946, pág. 46.

(31). — C. M. de la CONDAMINE, *op. cit.*, pág. 76.

O APELO DO EL DORADO.

O fascínio exercido sobre os conquistadores pelos relatos das minas de ouro, das cidades resplandescentes de pedrarias, do lago dourado, de um terceiro império maior e mais rico que os do México e do Perú incentivou os espanhóis a empreendimentos numerosos. Da Venezuela, da Nova Granada, do Perú ou diretamente da Espanha, saíram expedições à procura do *El Dorado*.

Mencionamos supra o nome de Juan Martinez entre os que iniciaram a lenda do *El Dorado*. Esse personagem e suas aventuras só os encontramos nos escritos de Raleigh (32). Outros parecem referir-se a ele, mas não lhe citam o nome; designam-no geralmente como um aventureiro desconhecido, sem pormenorizar as circunstâncias que o ligam à lenda do *El Dorado*. Por considera-la altamente ilustrativa da arte de fantasiar e por ter contribuído na difusão da lenda, julgamos interessante lembrar essa página do cavaleiro inglês.

Quando Raleigh escreve que Martinez foi o primeiro espanhol a descobrir Manoa e a designar o país pelo nome de *El Dorado*, diz apoiar suas afirmações num documento depositado na chancelaria de San Juan de Porto Rico e do qual o espanhol Berrito tinha uma cópia. Como alcançou Martinez o *El Dorado*? Segundo Raleigh, o navio de Diogo de Ordaz estava ancorado quando a provisão de pólvora pegou fogo. Culpou-se a Martinez pela negligência, pois a ele incumbia a guarda dessa pólvora. Foi condenado à morte. Os soldados, por aprecia-lo muito, obtiveram comutação da pena. Com uma canoa e com suas armas, mas sem alimento, foi abandonado à mercê das ondas. A correnteza levou-o ao litoral da Guiana. Os índios, por nunca terem visto homem branco, recolheram-no e levaram-no como espécime raro a mostrar em toda a parte. Nessa condição, chegou a Manoa. O rei, irmão dos dois incas mortos por Pizarro, reconheceu nele um cristão e um espanhol. Apesar dos ressentimentos, acolheu-o bastante bem; porem, não lhe permitiu andar pela cidade, a não ser acompanhado e com os olhos vendados. Após sete meses em Manoa, foi-lhe dado a escolher entre passar o resto de seus dias ali ou regressar a sua terra. Preferiu voltar. O rei o fez acompanhar até o Orinoco. De lá, Martinez passou a Trinidad e chegou finalmente a Porto Rico. A narração não deixa de ser verossímil e própria a consolidar ou despertar a crendice.

A aventura de Martinez (1530-1531) e mais ainda a perseguição movida por Benalcazar ao exército do peruano Apu Ruminavi (1533), eliminam, praticamente, Diogo de Ordaz e Ambrósio Alfinger da busca do *El Dorado*.

(32). — W. RALEIGH, *op. cit.*, págs. 169-170.

Os alemães aparecem aí em consequência dum convênio estabelecido entre a coroa espanhola e os Welseres. Em diversas ocasiões, esses banqueiros de Augsburg forneceram vultosas somas de dinheiro a Carlos V. À guisa de indenização, receberam em feudo boa parte da atual Venezuela. Por uma das cláusulas do contrato, o rei da Espanha e imperador da Alemanha concedia o título de *adelantado* a quem os Welseres indicassem para governar esse território. O primeiro foi Ambrósio Alfinger (33) que chegou a Coro em 1528. Pouco depois, em companhia de capitães espanhóis, explorou as margens do lago Maracaibo e internou-se em seguida nas florestas de seu domínios. Durante um ano, ele e seus homens foram vítimas da fome, da febre e dos índios. Após atravessar os Andes, chegaram a Chinácota onde, numa luta com os índios, Alfinger morreu devido a uma flecha que lhe atravessara o pescoço. Os infelizes remanescentes retornaram a Coro em 1532. A data da expedição leva a acreditar que não haviam saído em busca do *El Dorado*; à procura de ouro, talvez; e é possível que tenham ouvido contar alguma história referente a um homem dourado durante a expedição.

Em 1530, a coroa espanhola concedera a Diogo de Ordaz as terras compreendidas entre a foz do rio Amazonas e o feudo dos Welseres. No ano seguinte, com o intuito de iniciar a conquista da terra que lhe coubera, saiu de Castela com 600 soldados e 30 cavalos (34) e chegou ao Orinoco. O que aconteceu em seguida? Raleigh nos contou a explosão no navio e o castigo infligido a Martinez. Acrescenta ainda que Ordaz teria morrido ao chegar às costas da Guiana. Já Andrés Bello (35) afirma que, incentivado pelas notícias que os índios lhe deram da existência de ouro no interior, Ordaz subiu o Orinoco até sua confluência com o rio Meta e, de lá, voltou a Cumaná. Do ouro, apenas notícias.

A Diogo de Ordaz que morreu misteriosamente, sucedeu Jerônimo de Ortal y Ortal como *adelantado* dessa terra da Guiana, a *Nueva Andaluzia*. Logo em poder do título (1535), Ortal mandou explorar seus domínios. Uma expedição subiu o Orinoco e, em vez do *El Dorado* procurado, só encontrou índios bravios, guerras e fomes (36). Mas a obra de Ortal não se restringiu a essa expedição. A

(33). — Também chamado de Ambrósio Dalfinger ou ainda de Henrique Ehinger.

(34). — Cap. KEYMIS, *Relation de la Guiane*, publicada por Coreal, *op. cit.*, à página 285, menciona que foram em número de mil os soldados levados por Ordaz.

(35). — A. BELLO, *El "Resumen de la Historia de Venezuela"*, edição crítica de P. Grases, Americana, Caracas, 1946, págs. 196-197.

(36). — *Id.*, *ibid.*

elê se deve a fundação de São Tomé da Guiana, frente à ilha Fajardo, na foz do rio Caroni. Feita de casas de palha, esta cidade teve, em seu auge, 150 casas, segundo escreveu o padre Gumilla, em 1791. Suas abundantes colheitas de tabaco e o gado que muito se multiplicou chegaram a proporcionar razoavel prosperidade a seus fundadores (37). Do *El Dorado*, nenhuma prova palpavel ainda.

A sorte sorriu um pouco mais a George von Speier com a expedição que organizou em 1534. Partida de Coro, tomou a direção sul e encontrou dificuldades que dizimaram seus homens. Acharam, numa aldeia indígena, um templo dedicado ao sol e um convento semelhante aos encontrados no Perú. O achado não deixava de ser uma preciosa prova da migração dos incas e do *El Dorado* (38). Um estímulo a mais, portanto, na corrida aos tesouros fabulosos.

No mesmo ano, um outro alemão, Nicolau Federmann, tomava a direção do rio Apure. Ao procurar encontrar-se com a tropa de Speier, Federmann andou em vão durante um ano inteiro, só conseguindo achar vestígios da sua passagem. Por fim, informado pelos índios da existência dum rico império mais ao oeste, para lá levou sua tropa. Chegou ao planalto de Cundnamarca habitado pelos índios muiscas, onde duas outras expedições, a de Quesada e a de Benalcazar acabavam de juntar-se. Os três grupos escaparam à matança mútua graças à intervenção dos padres que os acompanhavam. Os capitães foram persuadidos a levar suas pendências ao arbítrio do rei. Benalcazar conseguiu o título de governador de Popayan, Quesada ficou dez anos na Europa e voltou com dois títulos honoríficos e Federmann nada conseguiu. As tropas confraternizaram enquanto os comandantes partiam para a Europa.

“Começaram a procurar o lago Guatavita, que não tardaram em encontrar. Era um lago circular, de uma milha de diâmetro, no cume de uma montanha, rodeada de picos, que a dominavam. Mas nenhum *homem dourado* veio fazer-lhes uma visita” (39).

“De fato, alguns anos antes, Zipa de Bogotá estendera seu poder aos chibchas de Guatavita e a famosa cerimônia caíra em desuso” (40).

A fé no *El Dorado* não esmoreceu. Novas expedições e novas narrativas alimentavam a lenda. Ao voltar a Coro em 1545, após uma expedição ao país dos omáguas, ao sul do rio Uaupés, Philip von

(37). — J. GUMILLA, *op. cit.*, págs. 26-28.

(38). — M. SWAN, *op. cit.*, pág. 272.

(39). — W. LEY e S. de CAMP, *op. cit.*, pág. 203.

(40). — *Idem, ibidem.*

Hutten e Pedro de Limpias contaram ter avistado uma cidade imensa com ruas retas e longas. Dominava-a um prédio enorme que os guias informaram estar repleto de ídolos de ouro. Acrescentaram tratar-se de uma das menores cidades dos omáguas e de seu rei, Quarica (41). Os homens de Hutten não puderam entrar na cidade, pois 15.000 índios lançaram-se sobre a pequena tropa (42). Sem condições para resistir a tão poderoso ataque, Hutten resolveu voltar a Coro e juntar maiores forças.

Os poucos resultados até aí alcançados tornavam evidente a necessidade duma melhor organização. Foi o que compreendeu Francisco Pizarro quando mandou seu irmão à procura do *El Dorado* e do País da Canela.

A expedição saiu de Cusco em fins de 1539. Comandava-a Gonzalo Pizarro. Contava com 4.000 homens, numerosos índios, 150 cavalos, muita provisão de boca e farto material bélico. Os oficiais haviam sido escolhidos a dedo (43). Nem com isso a natureza rebelde da Amazônia se deixou vencer. Com muita dificuldade, os espanhóis atingiram o rio Coca onde acamparam. Nessa altura, Pizarro enviou um de seus capitães, Francisco de Orellana, com 53 homens, descer o rio e reconhecer o país. Com eles estava o dominicano Gaspar de Carvajal que seria o cronista dessa façanha (44).

A pequena tropa deixou-se levar pelas correntezas que, por serem violentas, não lhe permitiram voltar para encontrar-se com o resto da expedição. Orellana e seus companheiros desceram o Napo, entraram no Amazonas e, ao passar perto da foz do Jamundá, lutaram com o que disseram ser mulheres guerreiras. A 26 de agosto de 1542, atingiram o mar pela foz do rio que o capitão chamou de Rio das Amazonas. Seguiram acompanhando as costas da Guiana e alcançaram Cumaguá (45). Havia sido os primeiros a percorrer o rio-mar em toda a sua extensão. Poucos anos mais tarde, outros tomaram o mesmo caminho.

Contam os cronistas que 12.000 índios tupis-guaranis oriundos do Brasil subiram o rio Amazonas em busca de novas terras. Após

(41). — M. SWAN, *op. cit.*, pág. 273.

(42). — Pe. J. GUMILLA, *op. cit.*, pág. 347.

(43). — A. JOBIN, *O Amazonas — Sua História*, Nacional, São Paulo, Col. Brasileira, nº 292, 1957, pág. 11.

(44). — G. de CARVAJAL, *Descobrimto do Rio de Orellana*, Tradução de C. de Mello-Leitão, Nacional, São Paulo, Col. Brasileira, 1943, págs. 11-79.

(45). — RIO BRANCO, *Obras do Barão do Rio Branco*, vol. III — *Primeira Memória*, Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, 1945, pág. 42.

inúmeras dificuldades e contratempos que reduziram seus efetivos a 300 elementos, atingiram o Perú em 1549. Relataram que, em suas andanças, passaram por povoações muito grandes onde havia ruas de ourives que só se ocupavam em lavar ouro e pedrarias (46). Tal relato não podia deixar de surtir efeito em espíritos irrequietos e sempre dispostos a dar fé em tais rumores. E o Perú estava repleto desse tipo de gente (47).

O vice-rei, marquês de Cañete, considerou a oportunidade excelente para livrar-se dos perturbadores da ordem. Preparou uma expedição cujo comando confiou a Pedro de Ursua. Como lugares-tenentes, iam Don Fernando de Gusmão e Lopo de Aguirre. Triste figura a desse último. Intrigou, matou a Ursua e a Gusmão, logo no início da expedição, e conseguiu tomar o comando. Com uns 700 seguidores, prosseguiu a viagem pelo Amazonas. Teria descido o rio até a foz? É essa a opinião de Humboldt (48) e de Southey (49) que afirmam ter Aguirre acompanhado a costa da Guiana até as Antilhas. Swan sustenta que a expedição subiu pelo rio Negro e chegou a Margarita em 1561 (50).

Entrementes, dois missionários, um monge de nome Sala e um companheiro também franciscano (51), penetravam na Guiana. Guiados por índios amigos, voltavam com chapas e figuras de ouro puro quando, ao atravessar um rio, foram massacrados por alguns nativos (52).

A figura mais interessante entre os espanhóis que procuraram o *El Dorado* na Guiana é a de Don Antônio de la Hóz Berrio. Por uma carta de um certo Don Alonso (53), sabemos que esse Berrio começou a explorar a Guiana pouco depois do ano 1580. Deu-se muitos cuidados e gastou bom dinheiro em seus empreendimentos. Numa primeira tentativa, teria descido o rio Casanara, o Meta e o Orinico. Na Amapaia, após ter perdido 60 de seu homens e quase todos os seus cavalos, chegou a firmar paz com os índios. Esses deram-lhe

(46). — S. E. da SILVEIRA, citado por A. JOBIN, *op. cit.*, pág. 17.

(47). — Fr. P. SIMON, citado por Swan, *op. cit.*, pág. 274.

(48). — A. von HUMBOLDT, *op. cit.*, vol. III, pág. 31.

(49). — R. SOUTHEY, *op. cit.*, vol. II, pág. 423.

(50). — M. SWAN, *op. cit.*, pág. 276.

(51). — Paradoxalmente, várias são as ocasiões em que franciscanos se encontram ligados à procura do metal precioso.

(52). — KEYMIS, *op. cit.*, pág. 286.

(53). — “Carta escrita da Grande Canária, por Don Alonso a alguns negociantes de San Lucar”, publicada por Coreai, *op. cit.*, págs. 253-256.

“cinco figuras de ouro puro e diversas obras estranhas à maneira desses índios, objetos não inferiores às mais belas obras da Itália e da Alemanha” (54).

Segundo Andrés Bello, Berrio teria fundado a cidade de São Tomé da Guiana, em 1589 (55).

Sua maior luta foi travada contra a inveja. O governador de Cumaná, Vides, e os governadores de Caracas e de Margarita reclamavam o encargo do descobrimento da Guiana. Intrigaram contra Berrio e enviaram uma representação ao rei no intuito de desacreditá-lo. A fim de defender-se das acusações — a principal era ser ele velho demais — e para conseguir maior número de homens. Berrio mandou à Espanha seu lugar-tenente, Domingo de Vera. Esse apresentou Filipe II com vários objetos de ouro, obras dos índios, e fez grande propaganda em toda a parte. Assegurava a todos que esses objetos podiam ser adquiridos com muito maior facilidade que o ouro extraído das minas do México. Sua atuação junto à corte permitiu-lhe reabilitar Berrio e conseguir alguns soldados (56).

De volta à Guiana, Domingo de Vera foi encarregado por Berrio de empreender novas tentativas de conquista. No rio do Pato, atingido pelo Orinoco e pelo Meta, tomou posse do país em nome do rei da Espanha e de Antonio de Berrio (57). Os índios asseguraram aos espanhóis da existência de muito ouro nas vizinhanças. Mostraram chapas do precioso metal e disseram-se dispostos a troca-las por machados. Uma das chapas que o capitão ganhou pesava 25 libras.

Entre os demais que tentaram colonizar a Guiana, poucos se interessaram pelo *El Dorado*. Dos ingleses, Raleigh foi o mais ardoroso. É ele quem afirma que

“os franceses procuram descobrir as terras do El Dorado, mas não há nada a recear por parte deles porque não tomam a boa rota” (58).

Os holandeses não parecem-se ter deixado distrair pela lenda. Aos poucos, o brilho do *El Dorado* esvaiu-se; outras riquezas, outros

(54). — W. RALEIGH, *op. cit.*, págs. 180-181.

(55). — A. BELLO, *op. cit.*, pág. 209. Trata-se, talvez, duma segunda fundação. Ver supra, página 12.

(56). — KEYMIS, *op. cit.*, págs. 267-269.

(57). — Carta escrita da Grande Canária... *op. cit.*, pág. 253.

(58). — W. RALEIGH, *op. cit.*, pág. 117.

interesses tomaram-lhe o lugar. Em meio a alguns sonhadores havia quem tinha olhos para aquilo que sem ser ouro possuía valor.

Uma carta aos negociantes de San Lucar e uma outra aos do Rio de la Hacha (59) deixam-nos suspeitar de algumas ligações com o mundo dos negócios. Suspeitas, apenas, pois não encontramos a linguagem do comércio. Tudo é avaliado em termos gerais, nada de números exatos, de pesos, de descrições minuciosas. Temos a impressão de que essa gente não sabia calcular, ignorava a linguagem dos números.

Na medida em que nos é permitido dar fé à relação de Raleigh, nela buscaremos nossas informações sobre as vantagens que os espanhóis alcançaram na procura do *El Dorado*. Já mencionamos a proposta dum cacique no sentido de trocar ouro por machados. Domingo de Vera recusou a oferta (60); mas outros já haviam aceito comerciar com os indígenas. Os habitantes do litoral, desde o Essequibo até o Orinoco, negociavam algodão, caçava, pau-brasil, rede de dormir e até suas mulheres e seus filhos em troca de bagatelas. Por uma faca, os espanhóis obtinham cem libras de caçava; por um machado, os índios entregavam um mebro de sua família. Os escravos assim obtidos eram depois vendidos por bom preço. Quanto às redes de dormir, Raleigh informa que os espanhóis faziam uso delas,

“à maneira dos índios, por acha-las mais adequadas aos climas quentes que a cama comum” (61).

Esses negócios rendosos não tiveram prosseguimento. Quando os nativos perceberam a intenção dos espanhóis de lhes tomarem as terras, trataram de se proteger. Quando podiam, apelavam para a violência; quando se sentiam mais fracos, usavam de astúcia (62). Ofereciam presentes e informavam da existência de imensas riquezas num lugar distante onde sabiam de um cacique poderoso, capaz de dar guerra. Assim, os relatos multiplicavam-se, o mito do *El Dorado* crescia e novas expedições eram empreendidas.

EL DORADO, palavra fascinante, evocativa dum sonho sempre renovado. A toponomástica muito recorreu a ela. Empresas comerciais, edifícios, hotéis, clubes, teatros, etc. tomaram-lhe o vocábulo e, às vezes, as esperanças que encerrava.

(59). — *Raport (sic) de quelques negociants de Rio de la Hache*, publicado por Coreal, *op. cit.*, pág. 260.

(60). — Carta escrita da Grande Canária... *op. cit.*, pág. 256.

(61). — W. RALEIGH, *op. cit.*, págs. 190-191.

(62). — E. A. FARIAS, *op. cit.*, págs. 49-50.